



O CROCHÊ COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE EMPODERAMENTO

Fátima Maria Lyra Cavalcante

Resumo: O artigo apresenta como a prática do crochê a alunos do ensino médio técnico pode ocasionar benefícios pedagógicos ao propiciar melhora na saúde mental, seja porque trabalha concentração, foco, criatividade, autoestima, assim como por poder propiciar uma forma de empreender, além de favorecer o diálogo entre gerações. O artigo relata as experiências exitosas vivenciadas em projetos de ensino e posteriormente expostas em eventos acadêmicos no Instituto Federal de Alagoas, *campus* Santana do Ipanema, perpassa por uma revisão bibliográfica acerca do ressignificar a técnica do crochê e culmina com a apresentação dos resultados, acompanhado por algumas imagens que bem ilustram a experiência.

Palavras-Chave: Crochê, Saúde Mental, Empreendedorismo, Diálogo intergeracional, Empoderamento.

1. INTRODUÇÃO

Em abril de 2022, foi realizada uma oficina de crochê¹ no *campus* Santana do Ipanema²/Instituto Federal de Alagoas, como decorrência do projeto de ensino “Minha vida é um negócio”, encabeçado pelo professor do mesmo *campus* Jacques Fernandes. À época, o objetivo da oficina era ensinar aos alunos do projeto alguma técnica que os ajudasse em práticas empreendedoras. O projeto foi direcionado para os alunos do 1º ano do ensino médio técnico integrado em Administração, como

¹ A oficina foi ministrada pela docente que escreve esse artigo, que, desde os cinco anos de idade conhece a prática, transmitida afetuosamente por sua avó materna, Lindinalva Leite Lyra.

² O *campus* está localizado no médio sertão alagoano em uma região que tem no comércio e na agricultura familiar a base de sua economia. Com treze anos de existência, o *campus* oferece três cursos, dois na modalidade integrada e uma na subsequente. São os cursos: médio técnico integrado em administração, médio técnico integrado em agropecuária, técnico subsequente em agropecuária.

prática pedagógica e avaliativa da disciplina de empreendedorismo, titularizada pelo já mencionado professor.

Logo após a oficina, alguns alunos encantaram-se com o crochê, seja como passatempo ou como prática empreendedora. Dentre os alunos, destaca-se José Cícero Santana da Silva, atualmente aluno do 3º ano do ensino médio técnico integrado em Administração e conhecido no *campus* como estilista crocheteiro.

O exemplo desse aluno é visto com admiração e “case de sucesso” no *campus*, pois, logo após a oficina, além de transmitir o aprendizado da técnica à sua mãe e às duas irmãs, ele passou a comercializar sua produção em crochê na região, criou seu perfil profissional no *instagram*³, graças ao aprendizado adquirido ao longo do curso. Não é demais destacar que, a partir de então, em vários eventos acadêmicos realizados no *campus*, o mencionado aluno lidera a apresentação do crochê de forma ressignificada, inclusive, estimulando outros alunos a adotarem a prática.

Dentre os eventos, pode-se destacar o “Dia do Administrador”, ocorrido em setembro de 2022, oportunidade em que foi realizado um desfile de moda com peças em crochê no campus. Ainda no ano letivo de 2022, foi realizada a II SITECC – Semana Integrada de Tecnologia, Educação, Ciência e Cultura – onde foi reservada uma sala temática de moda, com espaço para o aluno explicar sobre o crochê, inclusive divulgando seu trabalho e peças de produção própria. A “sala da moda” também organizou um desfile, onde essas peças foram apresentadas aos visitantes.

Figura 1 - Desfile do Dia do Administrador. Aluna veste peças de José Santana.



Fonte: arquivo próprio.

Figura 2 - Exposição do Ateliê José Santana na II SITECC.



Fonte: arquivo próprio.

³ O perfil profissional do aluno na rede social *instagram* é @crochetmaster_atelie.

A repercussão do crochê no *campus* levou à docente que escreve este artigo a propor um projeto de ensino no ano letivo de 2023, cujo intuito seria unir essa técnica ancestral com sua formação em direito. Daí surgiu o “Crochê *iuris*: conhecendo o direito da pessoa idosa com o afeto do crochê”, tendo por bolsista o aluno José Cícero Santana da Silva.

O referido projeto encontra-se em curso e está ensinando a alunas voluntárias⁴ do *campus* a técnica do crochê, ao tempo em que se transmite conhecimento relacionado ao direito da pessoa idosa. A ideia é que as peças confeccionadas pelos alunos, como parte da prática do crochê, sejam doadas ao Lar São Vicente, Instituição de Longa Permanência (ILP) localizada em Santana do Ipanema, que acolhe pessoas idosas em situação de vulnerabilidade. Na ocasião da entrega das peças, os alunos transmitirão os conhecimentos sobre os direitos das pessoas idosas de forma lúdica.

Nesse ínterim, é oportuno destacar que o projeto foi submetido ao edital lançado pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL) nº 07/2023 – PROEN, com duração de seis meses (julho a dezembro de 2023), tendo por objetivos específicos:

- Ampliar o conhecimento jurídico dos discentes e das pessoas idosas em acolhimento institucional atendidas pelo projeto;
- Promover o diálogo intergeracional, com troca de saberes e experiências, entre os alunos envolvidos e as pessoas idosas em acolhimento institucional atendidas pelo projeto, bem como entre os alunos e as pessoas de seu círculo social;
- Desenvolver nos alunos autoconfiança em realizar uma prática nova e desafiadora;
- Auxiliar os processos de cognição dos discentes, com aumento da capacidade de foco e concentração e proporcionada pela prática do crochê.
- Conferir aos alunos uma prática terapêutica e auxiliar à saúde mental.

Após dois meses de projeto, os alunos envolvidos começaram a trabalhar em um painel de crochê, que decorou o *campus* para a III SITECC⁵ e serviu de cenário a

⁴ Atualmente, são nove alunas que participam do projeto voluntariamente, do curso técnico médio integrado em Administração, com faixa etária de 15 a 19 anos. Algumas delas já tem um certo domínio da prática, outras já chegaram com conhecimento prévio, transmitido por familiares e outras tiveram o primeiro contato com a técnica.

⁵ O evento foi realizado entre os dias 11 a 15 de setembro de 2023, no *campus* Santana do Ipanema/IFAL. O *campus* funciona em um galpão locado e adaptado para uma estrutura de escola. As salas de aula funcionam no primeiro andar, cujo acesso ocorre por rampas. As rampas foram transformadas em passarela e o público assistiu ao desfile ao redor da rampa, como se estivesse em uma arena.

um terceiro desfile de moda com peças, inclusive masculinas, produzidas pelos discentes, em sua maior parte, pelo bolsista do projeto. Confeccionou-se uma asa de borboleta, com cores vivas e de aspecto “instagramável”.

Durante a confecção da asa, foi interessante perceber o grau de comprometimento, responsabilidade, foco, concentração e espírito de trabalho em equipe das participantes do projeto, que já estão produzindo peças para uso próprio. Para além disso, a sensação de dever cumprido e elevação da autoestima das discentes salta aos olhos.

Ainda como atividade desenvolvida dentro da III SITECC, o projeto Crochê *iuris* foi aprovado para apresentação com poster.

Figura 3 – Apresentação com poster do Projeto Crochê *iuris*. III SITEC.



Fonte: arquivo próprio

Figura 4 – Peças de José Santana. III SITEC



Fonte: arquivo próprio

Figura 5 – Peças de José Santana. III SITEC



Fonte: arquivo próprio

A execução do projeto, de acordo com o edital nº 07/2023 – PROEN, está prevista para findar em dezembro de 2023, mas a intenção é que o trabalho com o crochê no *campus* permaneça, seja de forma voluntária, seja através de incentivos oriundos de futuros editais.

2. METODOLOGIA

A partir do resultado do edital nº 07/2023 PROEN, as oficinas de crochê passaram a ocorrer no *campus* às segundas-feiras, no turno vespertino, com duas horas/aula de duração. Elas são ministradas pela docente responsável pelo projeto, com o apoio do bolsista selecionado. As oficinas costumam ser realizadas ao som de música ambiente escolhidas pelos discentes, o que torna o ambiente mais propício ao relaxamento.

Uma sala de aula virtual (*google classroom*) foi formatada para organizar materiais sobre o direito das pessoas idosas bem como os pontos elementares do crochê e os modelos de peças a serem confeccionadas pelas discentes.

Após o momento presencial, as alunas recebem uma atividade para treinar o crochê durante a semana devendo apresentar o resultado desse treinamento na oficina presencial seguinte. Ainda durante a semana, eles acessam um material sobre o direito das pessoas idosas, disponibilizado previamente no *google classroom*. De início, optou-se por vídeos, pois se pode assistir enquanto se executa o crochê. A primeira sequência de vídeos escolhida – Política Nacional da Pessoa Idosa- é oriunda do programa “Saber Direito”, vinculada à conta do *youtube* da TV Justiça.

Antes da proclamação do resultado do edital referenciado, a docente responsável visitou o Lar São Vicente⁶, para conversar com a direção sobre o projeto, sua possível aceitação pela instituição de acolhimento e para sentir que tipo de peças seriam úteis para doação.

Em contato com profissionais de saúde que atendem os idosos, percebeu-se que seria interessante doar peças que favorecessem seus processos de cognição e movimentos físicos. Por esse motivo, as peças em processo de confecção pelas alunas estão direcionadas a jogos de raciocínio e de movimento, agregando-se frases curtas e objetivas relacionadas ao direito das pessoas idosas.

Até o final do projeto, pretende-se realizar duas visitas ao Lar São Vicente para a doação das peças, quando também serão transmitidos, de uma forma lúdica, os conhecimentos sobre o direito das pessoas idosas.

No que pese a conclusão do projeto estar prevista para dezembro de 2023, o trabalho com o crochê no *campus* terá prosseguimento. Espera-se que o projeto possa ser apresentado em uma sala temática no maior evento promovido pelo

⁶ Atualmente, o Lar São Vicente acolhe 18 idosos, em sua maior parte analfabetos e com mobilidade corpórea bem reduzida.

campus, o Letras do Sertão⁷, que deve ocorrer em março ou abril de 2024. Pretende-se ornamentar a sala com painéis de crochê com dizeres sobre o direito das pessoas idosas para posterior doação ao Lar São Vicente.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Em consulta a bibliografia especializada (CUNHA e SCHULZ, 2021), constata-se que o crochê ressurgiu nos últimos anos como componente da moda, quando, nos anos anteriores priorizou-se uma confecção de roupas mecanizada. Nesse contexto, o crochê, além de remontar a uma ancestralidade e ser composto por um intercâmbio cultural, ressignifica a moda em um viés sustentável e ético. Para além disso, ele atíça a criatividade, a inovação e a entrega ao mercado consumidor de produtos diferenciados.

Pela importância do tema, vale a transcrição de excerto escrito pelas autoras acima referenciadas:

(...) o que se observa é um número crescente de designers de moda que percebem o valor e importância do artesanato em crochê (assim como outras técnicas) associado às práticas do design, como forma de restabelecer as relações ancestrais humanas, diferenciação, inovação, criatividade e sustentabilidade na moda, além de promover o resgate cultural.

Para corroborar a tese do crescente número de designers que se utilizam do crochê, as autoras citam a marca brasileira Catarina Mina e o Projeto Ponto Firme do estilista Gustavo Silvestre. Não só o crochê, mas outras técnicas artesanais, são reincorporados à moda, a exemplo da estilista Martha Medeiros e seu trabalho com as rendeiras de renascença (SILVA, 2015).

Segundo Silva (2015), o crochê é capaz de resgatar dimensões de sustentabilidade ao trabalhar com tradições genuínas locais ao tempo em que é capaz de incluir à ancestralidade cultural elementos da sociedade contemporânea. Ainda segundo a autora, citando Fletcher e Grose (2011),

(...) desenhar com sensibilidade para com o local em que os produtos são consumidos, requer construir um conhecimento de tradições, mitologias e simbolismo locais e entender o significado das cores e ornamentos na perspectiva histórica deste cenário. (...) Toda a técnica artesanal por mais que tenha um vínculo maior com a liberdade de

⁷ O Letras do Sertão é um evento no estilo de “feira de ciências literária” e já ganhou notoriedade na região, pois várias escolas públicas das redondezas trazem turmas de alunos para visitar o evento e aprender sobre temas diversos, apresentados nas diversas salas temáticas pelos alunos do IFAL. O evento também serve de divulgação das atividades desenvolvidas pelo *campus* e de estímulo para que os alunos visitantes prestem seleção de ingresso ao Instituto.

expressão de um povo, para sua execução sempre se relaciona com um plano de desenvolvimento. Ela é uma das mais tradicionais formas de manifestação cultural, mas, como tudo que atravessa o tempo, precisa se renovar de alguma maneira.

Das autoras citadas, percebe-se a importância em aliar conhecimento tradicional à contemporaneidade numa perspectiva sustentável e adequada à cultura local no desenvolvimento do empreendedorismo. E tudo isso se insere no que a prática do crochê pode proporcionar aos alunos de nível médio participantes do projeto, inclusive pelo potencial em facilitar diálogos intergeracionais com conhecidas que praticam o crochê de longa data.

Essa simbiose foi prevista pelo Estatuto da Pessoa Idosa, tanto ao se ressaltar a preservação da memória e da identidade culturais, onde o crochê pode ser perfeitamente incluído, quanto no indicativo de inserção de conteúdos sobre o processo de envelhecimento e valorização da pessoa idosa nos currículos de ensino formal:

Art. 20, § 2º As pessoas idosas participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

(...)

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização da pessoa idosa, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Além disso, não é demais frisar que o crochê, ao seguir padrões e diagramas, estimula a concentração, o raciocínio e a matemática, uma vez que requer atenção, foco e disciplina na execução dos pontos (SILVA, 2015).

Já se defendeu “a arte como experiência estética e a sua articulação com a inclusão escolar”, uma vez que ela “cria ressonâncias nos modos de vida e produz afetos que permeiam a singularidade de cada sujeito aluno” (BARREIRO, CARVALHO e FURLAN, 2018). No ambiente escolar, a arte possibilita um incremento de afeto, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem.

Pensar em crochê é pensar em afeto. As peças confeccionadas com a técnica costumam trazer a lembrança de alguém de certa idade, geralmente do sexo feminino, que dedicou o seu tempo à elaboração da peça e, por isso, vem carregada de cuidado e de um sentimento de “querer bem”. Possibilitar a um adolescente aprender uma

técnica artesanal associada à cultura brasileira e muito forte no Nordeste é rememorar memórias afetivas e/ou criar experiências de afeto.

A esse respeito, destacando a importância da arte no seio escolar, sinalizam BARREIRO, CARVALHO e FURLAN, 2018:

A tentativa de compreender as afecções na inclusão escolar, poderá abrir horizontes para que a passagem do afeto de tristeza se transmute para outro de alegria, dadas as circunstâncias em que essa passagem de um afeto a outro seja transmutada, por exemplo, na relação professor-aluno ou aluno-aluno.(...) Contudo, é inevitável que existam algumas tristezas, mas é fundamental que as tristezas possam ser trabalhadas para que não se torne algo destrutivo no processo de inclusão escolar, pois os alunos, tendem a se enamorar com a escola a partir da alegria provocada pelas relações entre os corpos.

É perceptível a importância em se debater sobre saúde mental dentro da comunidade escolar, especialmente após o retorno ao ensino presencial, provocado pela pandemia COVID-19. E, nesse ínterim, pensar em como desenvolver essas relações de afeto através da arte é fundamental.

Um estudo realizado com mulheres participantes de um grupo de artesanato vinculado à Unidade Básica de Saúde do município de Maringá-PR, publicado em 2011, relata a importância da prática artesanal em um universo coletivo. Durante as atividades do grupo, as mulheres envolvidas, além de executarem práticas artesanais, aproveitavam a oportunidade para exteriorizar seus problemas pessoais e refletirem sobre os mesmos. Boa parte delas enxergavam nas atividades do grupo um momento terapêutico, de encorajamento de ajuda mútua, de descanso mental, de acolhimento afetivo, de foco no trabalho artesanal e, sobretudo, de cuidar de sua saúde mental (SCARDOELLI e WAIDMAN, 2011).

Pelo exposto, constata-se que ensinar o crochê aos discentes pode direcioná-los ao desenvolvimento de uma arte empreendedora; estimular sua criatividade, atenção e foco; proporcionar cuidados com sua saúde mental; facilitar o diálogo intergeracional.

Por fim, ao se transmitir aos discentes conhecimentos acerca dos direitos das pessoas idosas, parte-se de fundamentos prescritos pela Lei 10.741/2003, que ressalta o elemento da dignidade humano no processo do envelhecimento.

Art. 8º O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente.

Art. 9º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

É sobre essa ótica que o projeto de ensino aqui descrito fundamenta-se: dignidade no diálogo intergeracional através do afeto característico do crochê e na transmissão de saberes dos direitos das pessoas idosas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Com pouco mais de dois meses de execução do projeto Crochê *iuris*, pode-se constatar a capacidade de concentração e foco durante a prática do crochê e a iniciativa de algumas alunas em confeccionar peças para uso próprio fora desses horários. Algumas delas aproximam-se da docente e do bolsista para esclarecer algumas dúvidas acerca de alguma peça ou ponto que estejam executando e é perceptível a feição de orgulho e satisfação ao crochetares uma peça única.

Não se pode olvidar a reação dos discentes durante os desfiles. Aqueles que desfilaram manifestaram uma reação de emoção e de valorização da sua pessoa pelos colegas, professores e funcionários que assistiram ao evento. Essa reação foi notória desde o momento em que foram escolhidos a participar, passando pela escolha do figurino, da preparação de cabelo e maquiagem para o evento e finalizando com as postagens em redes sociais. Já os discentes que assistiram ao desfile vibraram ao ver seus colegas na passarela, seja através de aplausos, gritos dos nomes dos colegas, registros para postagens futuras em redes sociais diversas e, principalmente, após o desfile, quando vinham parabenizar seus colegas. Não foi raro presenciar vários discentes abraçando-se uns aos outros com palavras do tipo “minha amiga estava tão linda desfilando” ou “eu tive tanto orgulho de ver você na passarela”.

Um fato bem relevante merece ser evidenciado: após o desfile na III SITECC, outros alunos manifestaram o desejo de participar do projeto. Além disso, diante da probabilidade de haver outro desfile⁸ nos próximos meses, os discentes prontificaram-se em melhorar as peças já existentes, além de sua performance na apresentação.

Contudo, antes do projeto Crochê *iuris* existir e dos desfiles começarem a

⁸ Refere-se ao evento promovido pelo IFAL denominado III Festival de Arte e Cultura, a ser realizado, provavelmente, na segunda quinzena de novembro de 2023 no Centro Histórico da cidade de Piranhas, município relativamente próximo a Santana do Ipanema e que conta com *campus* do IFAL. Piranhas é uma cidade turística, banhada pelo Rio São Francisco, de onde partem passeios para os cânions do Velho Chico e para a trilha na caatinga onde Lampião e seu bando foram mortos pela Volante.

ocorrer no *campus*, a primeira oficina realizada, ainda em decorrência do projeto “Minha Vida é um Negócio”, contou com uma avaliação para a disciplina de empreendedorismo. A avaliação consistiu em um questionário de 14 perguntas, respondidas por 68 discentes, das quais foram selecionadas 4 delas, cujos resultados serão compartilhados no presente artigo.

O primeiro questionamento foi o seguinte: “como foi a reação na sua família e entre seus amigos quando você disse que ia participar de uma oficina de crochê?”. Dentre os 68 estudantes, 59 deles relataram uma reação extremamente positiva, sendo que 17 afirmaram que alguém da família (mãe/avó/tia/irmã/prima) já fazia crochê e essas figuras despontaram como suas grandes incentivadoras. Alguns alunos (10 deles) expuseram que houve uma reação de surpresa e até mesmo estranhamento de algumas pessoas de seu círculo de relacionamento. Outros alunos (3 deles) apresentaram que houve reação jocosa, no sentido de “crochê é coisa de velho”. Também houve reação de “faz uma peça para mim” (2 deles) e “me ensina a fazer crochê” (4 deles).

Pela riqueza dos relatos, algumas falas serão transcritas em sua literalidade:

Primeiramente, acharam estranho, é uma coisa que não é muito frequente na minha família e nem amigos. Então, riram de mim, tiraram "onda" me chamado de velhinho, vovó (risos), mas, depois que eu fui a primeira vez, fiz algumas coisas em crochê e mostrei o resultado para eles, eles acharam muito massa e começaram a me apoiar nessa oficinas.

Meus amigos: "oxente, amei a ideia, já quero um *cropped* e um biquíni". Minha família "vai dar certinho com sua avó, quero uma toalha de mesa".

Tanto quanto inusitada, meus amigos não demonstraram tanta reação, minha família se mostrou até que interessada minhas tias me dando dicas mas entre todas elas a mais interessada em me ensinar foi a matriarca da família minha vó já se animou para me ensinar as técnicas dos pontos, qual melhor forma de segurar a agulha. Foi um tempo proveitoso entre neto e vó passamos bastante juntos fazendo crochê e agora tornou-se rotina fazermos crochê juntos.

Foi muito legal! Hoje em dia não vemos mais jovens e adolescentes praticando o crochê e quando eu falei para a minha avó que estava fazendo ela ficou encantada! Ela sempre fez e gosta muito, ficou orgulhosa de mim!

Em relação a minha família, foi uma surpresa. Eu sempre tive vontade de ter um hobby, mas não sabia o que. Quando comentei sobre o crochê eles ficaram surpresos, porque de fato não tinha costume de falar sobre crochê em casa (e na verdade não era familiarizada com ele até a oficina), mas eles ficaram felizes por mim! E em relação aos

meus amigos, também foi uma surpresa para alguns, e para outros meio que gerou um interesse coletivo.

Minha família perguntou logo o que crochê tinha a ver com administração, aí falei que fazia parte de um projeto de um professor e eles me disseram que esse professor tava inventando moda kkk. Mas, minha mãe ela foi a única que disse que crochê era uma coisa nova a se aprender, porque era algo que eu nunca tinha feito e que seria legal.

A partir das falas selecionadas, infere-se o quanto o crochê facilitou o diálogo intergeracional, inclusive aproximando os integrantes do núcleo familiar, seja através de palavras de incentivo ou da execução da prática do crochê em conjunto.

Contudo, nem todas as reações foram positivas. Das 68 respostas, foram identificadas quatro com teor negativo. No que pese tais manifestações de desencorajamento, quando comparadas com a próxima pergunta, percebe-se que elas não foram capazes de desmotivá-los à prática do crochê.

Questionou-se: “Qual era o seu sentimento durante as oficinas? Ficava empolgado por estar aprendendo algo novo? Ficava estressado por não estar conseguindo fazer um ponto? Pensou em desistir?”

Dentre as 68 respostas, 21 delas manifestaram um sentimento apenas positivo com a prática, envolvendo o termo “empolgação” ou “feliz”, enquanto 47 responderam que havia um misto de sentimentos de empolgação e felicidades junto com estresse, de dificuldades e pensamentos de desistência da prática ao não conseguir executar um ponto. Ainda dentre os 68 respondentes, 13 deles foram bem enfáticos no sentido de que, apesar do crochê apresentar alguma dificuldade, jamais eles iriam desistir, demonstrando uma capacidade de resiliência.

Da mesma forma que a pergunta anterior, transcrevem-se algumas respostas, pelo seu grau de importância ao desenvolvimento da prática pedagógica:

Ficava muito empolgada, já queria fazer roupas e vestimentas para o objeto, me empolguei e até hoje estou. Inicialmente, quando não conseguia fazer pelo menos a trança já ficava estressada, mas com o tempo entendi que o crochê é calma e concentração. Não pensei desistir, mas sim adquirir o gosto de continuar.

Sentimento que me deixava bastante alegre, após um dia cansativo. Fiquei feliz por ter aprendido a ler pontos, algo novo para mim. Não me estressei, pois arte para mim, significa relaxamento. Não pensei em desistir e não permaneci somente pela nota.

De nostalgia, pois eu estava relembrei momentos em que minha avó que é crocheteira me ensinando.

Em alguns momentos é inevitável não se estressar por ver os outros conseguindo e você não, então sim tiveram momentos em que me senti assim, mas eu sabia que crochê não era fácil. Além disso, o sentimento de felicidade e satisfação ao conseguir um simples ponto não é descritível, simplesmente maravilhoso e isso sim dava vontade de continuar. Ver a evolução acima de tudo é o melhor.

Durante as oficinas eu sentia muitas coisas. A primeira aula da oficina, por exemplo, foi muito importante. A professora nos introduziu ao crochê e trouxe com ele um sentimento. Um aconchego. Um sentido. Uma peça que você faz pode significar um abraço, por exemplo. Então as oficinas, para mim, representam um momento muito bom do meu dia. É calma.

É óbvio que antes de aprender é um pouco difícil porque as coisas às vezes parecem “complicadas demais”, mas depois tudo se ajeita. Não posso dizer que às vezes o cansaço da rotina não batia, mas o crochê faz o cansaço se converter em um pouco de paz.

Eu me senti muito capaz, pois essas coisas pareciam impossíveis à primeira vista. Aprender algo novo fez eu sentir que estava adquirindo conhecimento, as vezes não conseguir algo me estressava, mas é parte de um autocontrole, respirar e continuar, sem desistência. Depois que comecei a notar que eu poderia fazer as coisas que eu queria com o crochê, eu permaneci por sede de conhecimento, e não por causa da nota.

Segue-se à próxima pergunta: “Enquanto você pratica o crochê, você consegue se concentrar apenas no crochê ou vem pensamentos aleatórios na sua cabeça?”.

Para esse questionamento, identificaram-se três grupos de padrão de resposta. No primeiro deles, 35 alunos responderam que conseguem se concentrar apenas na prática do crochê. No segundo grupo, constatou-se que 20 dos alunos permanecem com pensamentos aleatórios na mente. E o terceiro deles pontuou que 13 alunos conseguem focar no crochê enquanto pensamentos aleatórios surgem, mas de uma forma positiva, seja por lembrar de uma pessoa querida que também faz crochê, seja porque consegue pensar em soluções para problemas do cotidiano. Aqui também se faz oportuno transcrever algumas respostas:

Vem pensamentos. Lembro de minha vó!

Vinha vários pensamentos que me ajuda a lembrar de muitas coisas, estava sendo um tipo de terapia para mim, porque sempre que eu praticava o crochê eu me perdia em meus pensamentos.

O gostoso de praticar artesanato é a forma que ele relaxa a mente, a forma que sua mente se sente leve, e que em vários momentos sua mente não foca em nada além daquilo. Mas além disso, você consegue resolver vários b.os em sua cabeça enquanto faz arte kkk

Como ainda não sou tão boa nisso, tenho que me concentrar bastante no que estou fazendo para não perder o ponto, mas mesmo assim, canto, penso e converso ao mesmo tempo que pratico

Incrivelmente tudo nesse momento some da mente, e só penso no crochê.

Consigo focar no crochê, na maioria do tempo, mas sinto que quando pensamentos “aleatórios” vêm eu consigo focar e refletir sobre eles também. Ambas situações são positivas para mim!

E, por fim, a última pergunta: “Os quadradinhos produzidos durante a oficina vão se juntar e formar uma peça única a ser usada na decoração do Letras do Sertão. Qual é a sensação de ter contribuído na confecção dessa peça?”

Todas as respostas foram positivas e os termos que mais se repetiram foram: satisfação, “estou feliz”/felicidade, gratidão, orgulho. Algumas respostas valem a pena ser transcritas:

É uma ótima sensação saber que um pedacinho do meu conhecimento está junto com o de várias pessoas e assim podemos formar uma peça grande pra mostrar pra todos o nosso lindo trabalho.

Fico feliz, poder ir vê no dia da exposição e olhar para aquela decoração e mostrar a minha parte para meus amigos e poder dizer q ela foi feita por mim.

Gratidão! Tanto de poder fazer parte de momentos incríveis, tanto por ter uma mulher maravilhosa ensinando. Não é apenas uma peça, são risos, memórias, amor, alegria, companheirismo, cada quadradinho com um sentimento diferente. Me sinto feliz por participar de algo tão bonito, de conseguir ajudar a juntar esses quadradinhos e transformar em uma peça de sentimentos e sensações.

Me sinto orgulhosa, aquela satisfação de poder dizer: "olha aquele quadradinho, fui eu quem fiz!", é muito legal.

Aaaaaa é uma sensação muito boa. É como se uma parte sua estivesse lá. Dá um sentimento de orgulho e de tarefa cumprida. É lindo perceber que aquela peça só estará lá graças a contribuição de todo mundo também. É a união de diversos esforços que culminam no crescimento de todo mundo. É algo “nosso”. Algo diverso.

Figura 6 – Peça confeccionada em conjunto e utilizada na decoração do Letras do Sertão.



Fonte: arquivo próprio

A sensação de ter contribuído com a confecção da peça é principalmente de utilidade, me senti uma pessoa que se encaixa naquele meio, uma pessoa abraçada e acolhida para fazer algo maior.

Dos excertos destacados, infere-se que os alunos percebem a importância de uma obra individual dialogar com um todo, exortando-se a importância do trabalho em equipe.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica apresentada aponta o ressurgimento do crochê no cenário da moda de uma forma ressignificada, aliando um conhecimento ancestral à contemporaneidade. Igualmente demonstrou que o crochê é capaz de mesclar manifestações de afeto, ao associar a técnica a pessoas queridas (avós/tias/mães), com cuidados com a saúde mental, ao promover capacidade de concentração, foco, criatividade e autoestima. Tudo isso sem mencionar a possibilidade dessa arte transformar-se em empreendedorismo.

Todos esses benefícios do crochê, ventilados na literatura, puderam ser identificados nas práticas pedagógicas realizadas no IFAL, *campus* Santana do Ipanema, a começar pelo caso do discente José Santana, hoje empreendedor na arte do crochê e bolsista do projeto Crochê *iuris*.

Desde a primeira oficina de crochê, ainda relacionada ao projeto de ensino Minha Vida é um Negócio, as respostas ao questionário já demonstravam que o crochê pode promover uma sensível melhora na saúde mental dos praticantes além de favorecer o diálogo intergeracional. Não foram raras as falas dos discentes referenciando a prática à avó ou tias, crocheteiras de longa data, permeadas por afeto.

Ao aliar a prática do crochê com o convívio com pessoas idosas, o projeto corrobora com um dos deveres prioritários da família, da comunidade, da sociedade e do poder público previsto no Estatuto da Pessoa Idosa, a saber, a “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio da pessoa idosa com as demais gerações” (art. 4º, §1º, da Lei 10.741/2003). A prática do crochê por jovens também favorece a efetivação dos outros dispositivos do Estatuto da Pessoa Idosa já mencionados nesse artigo.

No que se refere à saúde mental, as respostas dos alunos foram muito ricas em destacar as sensações de relaxamento, paz, tranquilidade, foco, concentração e capacidade para reflexão de problemas cotidianos ao executarem a técnica. Além

disso, a resiliência de alguns deles reputou-se patente ao se desafiaram com algo novo e, mesmo diante das dificuldades em executar um ponto, não desistir.

Para além disso, o empoderamento desses jovens é visível quando conseguem confeccionar uma peça e poder clamar um “fui eu que fiz!”, sentimento ressaltado quando a peça é feita em equipe.

Os desfiles constituem-se em outro ponto que demandam reflexões, pois o ato de apresentar uma peça em crochê de produção própria em público e de se apresentar ao público enquanto modelo também são atos de empoderamento.

É dessa forma que uma prática ancestral, permeada por afetos, é ressignificada quando executada por jovens, transformando-se em arte empreendedora, em cuidados com a saúde mental, em reforço da capacidade de resiliência e do diálogo intergeracional, enfim, em empoderamento.

6. REFERÊNCIAS

BARREIRO, Mateus Freitas, CARVALHO, Alonso Bezerra e FURLAN, Marta Regina. A arte e o afeto na inclusão escolar: potência e o pensamento não representativo. **Childhood & philosophy**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vol. 14, núm. 30, pp. 517-534, 2018. Disponível: <https://www.redalyc.org/journal/5120/512057166015/html/>. Acesso em 25.05.2023.

BRASIL, Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003, Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa. Brasília, DF. Diário Oficial da União, 1º de outubro de 2003; 182º da Independência e 115º da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em 24.05.2023.

CUNHA, Joana Luísa Ferreira da e SCHULZ, Fernanda Enéia. Diálogo entre crochê, artesanato, design de moda e comunicação para sustentabilidade. **Modapalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 14, n. 34, p. 85-110, 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/19172>. Acesso em: 25 maio de 2023.

SCARDOELLI, Márcia Glaciela da Cruz e WAIMAN, Maria Angélica Pagliarini. “Grupo” de Artesanato”: espaço favorável à promoção da saúde mental. **Escola Anna Nery**, 2011, abr-jun; 15 (2), 291-299. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/8rFYS4NwRtVVwBTPTbGRbKr/?lang=pt#>. Acesso em: 25.05.2023.

SILVA, BRUNA V.B da. Crochê: O Resgate Cultural e seus Arsenais na Prática do Designer de Moda. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Design de Moda da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana, 2015. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/5793>. Acesso em 24.05.2023.